

DOMINGO VI DA PÁSCOA

CIC 2746-2751: a oração de Jesus na última Ceia

- 2746** Ao chegar a sua «Hora», Jesus ora ao Pai¹. A sua oração, a mais longa que nos é transmitida pelo Evangelho, abraça toda a economia da criação e da salvação, bem como a sua morte e ressurreição. A oração da «Hora» de Jesus continua sempre sua, tal como a sua Páscoa, acontecida «uma vez por todas», continua presente na liturgia da sua Igreja.
- 2747** A tradição cristã chama-lhe, a justo título, a oração «sacerdotal» de Jesus. Ela é, de facto, a oração do nosso Sumo-Sacerdote, inseparável do seu sacrifício, da sua «passagem» (páscoa) deste mundo para o Pai, em que é inteiramente «consagrado» ao Pai².
- 2748** Nesta oração pascal, sacrificial, tudo está «recapitado» n'Ele³: Deus e o mundo, o Verbo e a carne, a vida eterna e o tempo, o amor que se entrega e o pecado que o atraiçoa, os discípulos presentes e os que n'Ele hão-de crer pela palavra deles, a humilhação e a glória. É a Oração da Unidade.
- 2749** Jesus cumpriu perfeitamente a obra do Pai e a sua oração, como o seu sacrifício estende-se até à consumação do tempo. A oração da «Hora» preenche os últimos tempos e leva-os à sua consumação. Jesus, o Filho a Quem o Pai tudo deu, entrega-Se todo ao Pai; e, ao mesmo tempo, exprime-Se com uma liberdade soberana⁴, segundo o poder que o Pai Lhe deu sobre toda a carne. O Filho, que Se fez Servo, é o Senhor, o *Pantocrátor*. O nosso Sumo-Sacerdote que ora por nós é também Aquele que em nós ora e o Deus que nos atende.
- 2750** É entrando no santo nome do Senhor Jesus que podemos acolher, desde dentro, a oração que Ele nos ensina: «Pai nosso!». A sua oração sacerdotal inspira, a partir de dentro, as grandes petições do Pai-nosso: a preocupação com o nome do Pai⁵, a paixão pelo seu Reino (a glória)⁶, o cumprimento da vontade do Pai, do seu desígnio de salvação⁷, e a libertação do mal⁸.
- 2751** Finalmente, é nesta oração que Jesus nos revela e nos dá o «conhecimento» indissociável do Pai e do Filho⁹, que é o próprio mistério da vida de oração.

¹ Cf. Jo 17.

² Cf. Jo 17, 11.13.19.

³ Cf. Ef 1, 10.

⁴ Cf. Jo 17, 11.13.19.24.

⁵ Cf. Jo 17, 6.11.12.26.

⁶ Cf. Jo 17, 1.5.10.22.23-26.

⁷ Cf. Jo 17, 2.4.6.9.11.12.24.

⁸ Cf. Jo 17, 15.

⁹ Cf. Jo 17, 3.6-10.25.

CIC 214, 218-221, 231, 257, 733, 2331, 2577: Deus é amor

- 214** Deus, «Aquele que É», revelou-se a Israel como Aquele que é «cheio de misericórdia e fidelidade» (*Ex 34, 6*). Estas duas palavras exprimem, de modo sintético, as riquezas do nome divino. Em todas as suas obras, Deus mostra a sua benevolência, a sua bondade, a sua graça, o seu amor; mas também a sua credibilidade, a sua constância, a sua fidelidade, a sua verdade. «Hei-de louvar o vosso nome pela vossa bondade e fidelidade» (*Sl 138, 2*)¹⁰. Ele é a verdade, porque «Deus é luz, e n'Ele não há trevas nenhuma» (*1 Jo 1, 5*); Ele é «Amor», como ensina o apóstolo João (*1 Jo 4, 8*).
- 218** No decorrer da sua história, Israel pôde descobrir que Deus só tinha uma razão para Se lhe ter revelado e o ter escolhido, de entre todos os povos, para ser o seu povo: o seu amor gratuito¹¹. E Israel compreendeu, graças aos seus profetas, que foi também por amor que Deus não deixou de o salvar¹² e de lhe perdoar a sua infidelidade e os seus pecados¹³.
- 219** O amor de Deus para com Israel é comparado ao amor dum pai para com o seu filho¹⁴. Este amor é mais forte que o de uma mãe para com os seus filhos¹⁵. Deus ama o seu povo, mais que um esposo a sua bem-amada¹⁶; este amor vencerá mesmo as piores infidelidades¹⁷; e chegará ao mais precioso de todos os dons: «Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe entregou o seu Filho Único» (*Jo 3, 16*).
- 220** O amor de Deus é «eterno» (*Is 54, 8*): «Ainda que as montanhas se desloquem e vacilem as colinas, o meu amor não te abandonará» (*Is 54, 10*). «Amei-te com amor eterno; por isso, guardei o meu favor para contigo» (*Jr 31, 3*).
- 221** São João irá ainda mais longe, ao afirmar: «Deus é Amor» (*1 Jo 4, 8, 16*): a própria essência de Deus é Amor. Ao enviar, na plenitude dos tempos, o seu Filho único e o Espírito de Amor, Deus revela o seu segredo mais íntimo¹⁸: Ele próprio é eternamente permuta de amor: Pai, Filho e Espírito Santo; e destinou-nos a tomar parte nessa comunhão.
- 231** *O Deus da nossa fé revelou-Se como Aquele que é: deu-Se a conhecer como «cheio de misericórdia e fidelidade» (Ex 34, 6). O seu próprio Ser é verdade e amor.*
- 257** «O lux beata Trinitas et principalis Unitas! – Ó Trindade, Luz ditosa, ó primordial Unidade!»¹⁹. Deus é eterna bem-aventurança, vida imortal, luz sem ocaso. Deus

¹⁰ Cf. *Sl 85, 11*.

¹¹ Cf. *Dt 4, 37; 7, 8; 10, 15*.

¹² Cf. *Is 43, 1-7*.

¹³ Cf. *Os 2*.

¹⁴ Cf. *Os 11, 1*.

¹⁵ Cf. *Is 49, 14-15*.

¹⁶ Cf. *Is 62, 4-5*.

¹⁷ Cf. *Ez 16; Os 11*.

¹⁸ Cf. *1 Cor 2, 7-16; Ef 3, 9-12*.

¹⁹ Hino das II Vésperas de Domingo, nas semanas 2 e 4: Liturgia Horarum, editio typica, v. 3 (Typis Polyglottis Vaticanis Polyglottis Vaticanis 1974) p. 632 e 879 [Este hino está traduzido na ed. portuguesa: Liturgia das Horas (Gráfica de Coimbra 1983), v. 3, p. 86 e v. 4, p. 86].

é amor: Pai, Filho e Espírito Santo. Livremente, Deus quer comunicar a glória da sua vida bem-aventurada. Tal é o «mistério da sua vontade» (*Ef* 1, 9) que Ele concebeu antes da criação do mundo em seu Filho muito-amado, uma vez que nos «destinou de antemão a que nos tornássemos seus filhos adotivos por Jesus Cristo» (*Ef* 1, 4-5), quer dizer, a sermos «conformes à imagem do seu Filho» (*Rm* 8, 29), graças ao «Espírito que faz de vós filhos adotivos» (*Rm* 8, 15). Este desígnio é uma «graça que nos foi dada [...] desde toda a eternidade» (*2 Tm* 1, 9-10), a qual procede imediatamente do amor trinitário. E este amor manifesta-se na obra da criação, em toda a história da salvação depois da queda, e nas missões do Filho e do Espírito, continuadas pela missão da Igreja²⁰.

733 «Deus é Amor» (*1 Jo* 4, 8.16) e o Amor é o primeiro dom, que contém todos os outros. Este amor «derramou-o Deus nos nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado» (*Rm* 5, 5).

2331 «Deus é amor e vive em Si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Ao criar a humanidade do homem e da mulher à sua imagem [...] Deus inscreveu nela a *vocação* para o amor e para a comunhão e, portanto, a capacidade e a responsabilidade correspondentes»²¹.

«Deus criou o homem à sua imagem; [...] homem e mulher os criou» (*Gn* 1, 27); «Crescei e multiplicai-vos» (*Gn* 1, 28); «quando Deus criou o ser humano, fê-lo à semelhança de Deus. Criou-os homem e mulher e abençoou-os; e chamou-lhes “Adão” no dia em que os criou» (*Gn* 5, 1-2).

2577 Nesta intimidade com o Deus fiel, lento em irar-Se e cheio de amor²², Moisés hauriu a força e a tenacidade da sua intercessão. Ele não ora por si, mas pelo povo que Deus adquiriu para Si. Já durante o combate com os amalecitas²³ ou para obter a cura de Miriam²⁴, Moisés foi intercessor. Mas foi sobretudo após a apostasia do povo que ele «se mantém na brecha» diante de Deus (*Sl* 106, 23), para salvar o mesmo povo²⁵. Os argumentos da sua oração (a intercessão também é um combate misterioso) irão inspirar a audácia dos grandes orantes, tanto do povo judaico como da Igreja: Deus é amor e, portanto, é justo e fiel; Ele não pode contradizer-Se; há-de, por conseguinte, lembrar-Se das suas acções maravilhosas; está em jogo a sua glória; Ele não pode abandonar o povo que tem o seu nome.

CIC 1789, 1822-1829, 2067, 2069: o amor de Deus e ao próximo observa os mandamentos

1789 Algumas regras aplicam-se a todos os casos:

– nunca é permitido fazer mal para que daí resulte um bem;

²⁰ II Concílio do Vaticano, Decr. *Ad gentes*, 2-9: AAS 58 (1966) 948-958.

²¹ João Paulo II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 11: AAS 74 (1982) 91-92.

²² Cf. Ex 34, 6.

²³ Cf. Ex 17, 8-13.

²⁴ Cf. Nm 12, 13-14.

²⁵ Cf. Ex 32, 1 – 34, 9.

– a «regra de ouro» é: «Tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-lho, de igual modo, vós também» (*Mt* 7, 12)²⁶.

– a caridade passa sempre pelo respeito do próximo e da sua consciência: «Ao pecardes assim contra os irmãos, ao ferir-lhes a consciência [...], é contra Cristo que pecais» (*1 Cor* 8, 12). «O que é bom é não [...] [fazer] nada em que o teu irmão possa tropeçar» (*Rm* 14, 21).

1822 A caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas por Ele mesmo, e ao próximo como a nós mesmos, por amor de Deus.

1823 Jesus faz da caridade o *mandamento novo*²⁷. Amando os seus «até ao fim» (*Jo* 13, 1), manifesta o amor do Pai, que Ele próprio recebe. E os discípulos, amando-se uns aos outros, imitam o amor de Jesus, amor que eles recebem também em si. É por isso que Jesus diz: «Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permanecei no meu amor» (*Jo* 15, 9). E ainda: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei» (*Jo* 15, 12).

1824 Fruto do Espírito e plenitude da Lei, a caridade *guarda os mandamentos* de Deus e do seu Cristo: «Permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor» (*Jo* 15, 9-10)²⁸.

1825 Cristo morreu por amor de nós, sendo nós ainda «inimigos» (*Rm* 5, 10). O Senhor pede-nos que, como Ele, amemos até os nossos *inimigos*²⁹, que nos façamos o próximo do mais afastado³⁰, que amemos as crianças³¹ e os pobres como a Ele próprio³².

O apóstolo São Paulo deixou-nos um incomparável quadro da caridade: «A caridade é paciente, a caridade é benigna; não é invejosa, não é altiva nem orgulhosa; não é inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita; não guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (*1 Cor* 13, 4-7).

1826 Sem a caridade, diz ainda o Apóstolo, «nada sou». E tudo o que for privilégio, serviço, ou mesmo virtude..., se não tiver caridade «de nada me aproveita»³³. A caridade é superior a todas as virtudes. É a primeira das virtudes teologais: «Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e a caridade; mas *a maior de todas é a caridade*» (*1 Cor* 13, 13).

1827 O exercício de todas as virtudes é animado e inspirado pela caridade. Esta é o «vínculo da perfeição» (*Cl* 3, 14) e a *forma das virtudes*: articula-as e ordena-as entre si; é a fonte e o termo da sua prática cristã. A caridade assegura e purifica a nossa capacidade humana de amar e eleva-a à perfeição sobrenatural do amor divino.

²⁶ Cf. *Lc* 6, 31; *Tb* 4, 15.

²⁷ Cf. *Jo* 13, 34.

²⁸ Cf. *Mt* 22, 40; *Rm* 13, 8-10.

²⁹ Cf. *Mt* 5, 44.

³⁰ Cf. *Lc* 10, 27-37.

³¹ Cf. *Mc* 9, 37.

³² Cf. *Mt* 25, 40.45.

³³ Cf. *1 Cor* 13, 1-4.

1828 A prática da vida moral animada pela caridade dá ao cristão a liberdade espiritual dos filhos de Deus. O cristão já não está diante de Deus como um escravo, com temor servil, nem como o mercenário à espera do salário, mas como um filho que corresponde ao amor «d'Aquele que nos amou primeiro» (1 Jo 4, 19):

«Nós, ou nos desviamos do mal por temor do castigo e estamos na atitude do escravo, ou vivemos à espera da recompensa e parecemo-nos com os mercenários; ou, finalmente, é pelo bem em si e por amor d'Aquele que manda, que obedecemos [...], e então estamos na atitude própria dos filhos»³⁴.

1829 Os *frutos* da caridade são: a alegria, a paz e a misericórdia; exige a prática do bem e a correcção fraterna; é benevolente; suscita a reciprocidade, é desinteressada e liberal; é amizade e comunhão:

«A consumação de todas as nossas obras é o amor. É nele que está o fim: é para a conquista dele que corremos; corremos para lá chegar e, uma vez chegados, é nele que descansamos»³⁵.

2067 Os Dez Mandamentos enunciam as exigências do amor de Deus e do próximo. Os três primeiros referem-se mais ao amor de Deus; os outros sete, ao amor do próximo:

«Como a caridade abrange dois preceitos, nos quais o Senhor resume toda a Lei e os Profetas, [...] assim também os Dez Mandamentos estão divididos em duas tábuas. Três foram escritos numa tábua e sete na outra»³⁶.

2069 O Decálogo forma um todo indissociável. Cada «Palavra» remete para cada uma das outras e para todas; elas condicionam-se reciprocamente. As duas «tábuas» esclarecem-se mutuamente; formam uma unidade orgânica. Transgredir um mandamento é infringir todos os outros³⁷. Não é possível honrar a outrem sem louvar a Deus seu criador; nem se pode adorar a Deus sem amar todos os homens, suas criaturas. O Decálogo unifica a vida teológica e a vida social do homem.

CIC 2347, 2709: a amizade com Cristo

2347 A virtude da castidade expande-se na *amizade*. Indica ao discípulo o modo de seguir e imitar Aquele que nos escolheu como seus próprios amigos³⁸, que Se deu totalmente a nós e nos faz participar da sua condição divina. A castidade é promessa de imortalidade.

A castidade exprime-se especialmente na *amizade para com o próximo*. Desenvolvida entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes, a amizade representa um grande bem para todos. Conduz à comunhão espiritual.

³⁴ São Basílio Magno, *Regulae fusius tractatae*, prol. 3: PG 31, 896.

³⁵ Santo Agostinho, *In epistulam Iohannis ad Parthos tractatus* 10, 4: PL 35, 2056-2057.

³⁶ Santo Agostinho, *Sermão 33, 2*: CCL 41, 414 (PL 38, 208).

³⁷ Cf. Tg 2, 10-11.

³⁸ Cf. Jo 15, 15.

2709 O que é a contemplação? Responde Santa Teresa: «Outra coisa não é, a meu parecer, oração mental, senão tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com Quem sabemos que nos ama»³⁹.

A contemplação procura «Aquele que o meu coração ama» (Ct 1, 7)⁴⁰, que é Jesus, e n'Ele o Pai. Ele é procurado, porque desejá-Lo é sempre o princípio do amor, e é procurado na fé pura, esta fé que nos faz nascer d'Ele e viver n'Ele. Nesta modalidade de oração pode, ainda, meditar-se; todavia, o olhar vai todo para o Senhor.

³⁹ Santa Teresa de Jesus, Libro de la vida, 8: Biblioteca Mística Carmelitana, v. 1 (Burgos 1915) p. 57 [Cf. Santa Teresa de Jesus, Livro da vida, 8: Obras Completas (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1994) p. 56].

⁴⁰ Cf. Ct 3, 1-4.